

“SIBILA”

DIEGO RODRÍGUEZ DE SILVA Y VELÁZQUEZ

28 SETEMBRO 2017 – 14 JANEIRO 2018

A PRIMEIRA REFERÊNCIA conhecida a este retrato data de 1746, quando foram inventariadas as pinturas do Palácio de La Granja. A obra foi então atribuída a Velázquez e identificada como um retrato da «sua própria mulher», ou seja, Juana, filha do pintor Francisco Pacheco, que, em 1632, tinha 30 anos. A prática de associar retratos anónimos com a biografia dos seus autores foi frequente durante os séculos XVIII e XIX e a ela não escapou Velázquez, cujo rosto, assim como os da sua mulher e filhas, se tentou reconhecer em várias das suas obras.

Independentemente de ser ou não baseada numa personagem real, a pintura tem um conteúdo que transcende o campo do retrato e que aponta para o género histórico. Vários dados ajudam a identificar o seu tema, como a personagem feminina de perfil, de olhar fixo, em frente, segurando um objeto, uma superfície plana de forma quadrangular que geralmente se considera uma tábua e, às vezes, se pensou ser uma tela. Segura este objeto com a mão esquerda, o que lhe permite manter livre a mão direita com o fim de escrever ou de pintar sobre ele. Por se desconhecer o contexto para o qual a obra foi criada, os elementos que nela aparecem sugerem tratar-se da representação de uma das sibilas, personagens da mitologia greco-romana às quais se atribuíam poderes divinatórios; o objeto que segura estaria assim destinado a representar as suas premonições. A obra foi por vezes identificada como uma alegoria da História ou da Pintura, mas estas costumam ser mais explícitas. Já os elementos que contém são suficientes para relacioná-la com uma sibila, personagem abundantemente representada na arte renascentista e barroca. Pintadas, em geral, com uma superfície onde escrever, há casos em que as sibilas surgem com um suporte pictórico, como na *Anunciação* de Claudio Coello (Madrid, Convento de San Plácido), onde uma delas, sem turbante, segura uma tela ou tábua na qual está pintada uma alegoria mariana.

A Sibila do Museo del Prado, que ocupa um lugar singular na obra de Velázquez, acabou por tornar-se num protótipo do que foi a sua técnica



Diego Velázquez (1599-1660)

Sibila

c. 1632

Óleo sobre tela

62 × 50 cm

Proveniência: Colección Real

Madrid, Museo Nacional del Prado, inv. P01197

ca descritiva e narrativa. O pintor, que nasceu em 1599, desenvolveu a primeira parte da sua carreira em Sevilha, a sua cidade natal, onde se dedicou sobretudo à pintura religiosa e à pintura de género. Em 1623 mudou-se para Madrid e, desde então, o seu percurso ficou estreitamente ligado a Filipe IV, de quem foi pintor de câmara. Este vínculo teve consequências tanto no estilo de Velázquez como nos temas pintados, levando-o a dedicar-se, sobretudo, ao retrato e, por vezes, aos temas mitológicos; ao mesmo tempo, pôs de parte as cenas de género e fez

Diego Velázquez
A túnica de José
(pormenor)
c. 1630
Óleo sobre tela
Real Sitio
de San Lorenzo
de El Escorial,
inv. 1001469



Diego Velázquez
A Forja de Vulcano
(pormenor)
1630
Óleo sobre tela
Madrid, Museo
Nacional del Prado,
inv. P01171

apenas pintura religiosa. Mas, nos últimos 25 anos da sua vida, abandonou quase completamente essa temática pelo que esta Sibila é uma das poucas pinturas de Velázquez posterior a 1630 de tema religioso.

Nela, como é típico no autor, joga-se com a ambiguidade narrativa e com o paradoxo. Não foi por casualidade que, com frequência, se identificou a retratada como a mulher do pintor, Juana Pacheco, mas pelos traços poderosamente realistas do rosto, que parecem inspirados num modelo de carne e osso. Velázquez faz aqui algo muito frequente na sua obra, ligado a esse gosto pelo paradoxo: a mistura de distintos níveis de história e realidade. Por volta de 1630, terá feito o mesmo com *O Triunfo de Baco* (ou *Os bêbados*), misturando deuses e personagens da vida quotidiana. E também com *A Forja de Vulcano* ou com *A Túnica de José*, na qual usa tipos humanos de carácter marcadamente «realista».

É precisamente *A Túnica de José*, feita em Roma em 1630, a obra mais útil para situar *Sibila* num contexto cronológico e artístico preciso, pois são muitos os pontos que as unem. Entre as suas características comuns estão o perfeito equilíbrio entre desenho e cor: ainda que *Sibila* seja um quadro de composição muito cuidada, e realizado com uma técnica descritiva muito precisa, no seu efeito final tem um papel muito importante o modo como foi aplicada a cor, como as pinceladas ganham um valor estrutural. Vemos isso, por exemplo, na manga que invade a parte inferior da tela, cujas pregas são feitas com rápidos e certos toques, que nos recorda que Velázquez foi uma sumidade na tradição ocidental do uso da cor. Igualmente,

as mechas de cabelo são um prodígio de toque e controlo e aproximam esta obra do Apolo de *A Forja* ou de alguns dos irmãos de José.

Além desse controlo do desenho e da mancha, Velázquez caracterizava-se pela segurança compositiva. A figura da mulher invade o primeiro plano desta composição de uma maneira sólida. Essa invasão, a sua posição de perfil e o seu olhar em frente traduzem estabilidade e solenidade. No entanto, com esta fórmula corre-se o risco de anular ou complicar os planos espaciais, o que Velázquez evitou colocando a tábua na oblíqua, esforçando-se bastante para que a forma do rosto desse a sensação de volume e utilizando uma gama cromática baseada nos ocres, marfins e cinzentos, que combinam muito bem e vão criando a sensação de espaço. E tudo culmina num fundo que, como se viria a tornar habitual na obra do pintor a partir de então, não é uniforme; apresenta, sim, variações de luz e de cor subtis, que servem para potenciar o efeito tridimensional da figura.

Velázquez foi um artista versátil, que soube mover-se com facilidade entre géneros pictóricos muito variados e entre formatos muito diferentes. Neste caso, foi capaz de criar uma pequena obra-prima, na qual compila muitos dos sucessos técnicos que havia alcançado até 1630 e na qual demonstra a sua singularidade narrativa. Em primeiro lugar, brindando-nos com um tratamento do tema distinto de tudo o que havia sido feito até então por qualquer outro artista. Mas, também, como era seu costume, convertendo o quadro num enigma, cuja solução só está ao alcance da própria Sibila.

Javier Portús Pérez

APOIOS:



MOSTRA ESPANHA 2017